

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CÂMPUS ÁGUAS LINDAS
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Nathalia Gonzaga de Souza Cipriano

**Elementos geradores e consequências da automedicação durante a
pandemia: uma revisão integrativa**

Águas Lindas de Goiás - GO
Julho de 2022

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO
NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO IFG - ReDi IFG**

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Digital (ReDi IFG), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IFG.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|--|---|
| ☐ Tese | ☐ Artigo Científico |
| ☐ Dissertação | ☐ Capítulo de Livro |
| ☐ Monografia – Especialização | ☐ Livro |
| ☒ TCC - Graduação | ☐ Trabalho Apresentado em Evento |
| ☐ Produto Técnico e Educacional - Tipo: _____ | |

Nome Completo do Autor: Nathalia Gonzaga de Souza Cipriano

Matrícula: 20191140050158

Título do Trabalho: **Elementos geradores e consequências da automedicação durante a pandemia: uma revisão integrativa**

Autorização - Marque uma das opções

1. ☒ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso aberto);
2. ☐ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG somente após a data ____/____/____ (Embargo);
3. ☐ Não autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso restrito).

Ao indicar a opção **2 ou 3**, marque a justificativa:

- ☐ O documento está sujeito a registro de patente.
☐ O documento pode vir a ser publicado como livro, capítulo de livro ou artigo.
☐ Outra justificativa: _____

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- I. o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- II. obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- III. cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Nathalia G. de Souza Cipriano

Águas Lindas de Goiás, 12/07/2022.
Local Data

Nathalia Gonzaga de Souza Cipriano

**Elementos geradores e consequências da automedicação durante a
pandemia: uma revisão integrativa**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para o Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, do Instituto Federal de Goiás como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Ciências Biológicas.

Orientador: Fabio Teixeira Kuhn

Linha de pesquisa: Farmacologia e Toxicologia

Águas Lindas de Goiás-GO

Julho de 2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

C577e Cipriano, Nathalia Gonzaga de Souza

Elementos geradores e consequências da automedicação durante a pandemia : uma revisão integrativa [recurso eletrônico] / Nathalia Gonzaga de Souza Cipriano. -- 2022. Dados eletrônicos (1 arquivo). 36 f. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Teixeira Kuhn.

Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Ciências Biológicas) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, *campus* Águas Lindas, 2022.

Modo de acesso: World Wide Web.

Arquivo de texto em formato PDF.

Disponível em: <https://repositorio.ifg.edu.br>.

1. Automedicação. 2. Medicamentos - Efeitos colaterais. 3. COVID-19 (Doença). 4. Biologia - Estudo e ensino. I. Título. II. Kuhn, Fábio Teixeira, orient.

CDD 615.58

TERMO DE APROVAÇÃO

NATHALIA GONZAGA DE SOUZA CIPRIANO

ELEMENTOS GERADORES E CONSEQUÊNCIAS DA AUTOMEDICAÇÃO DURANTE A PANDEMIA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Câmpus Águas Lindas de Goiás como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Licenciado em Ciências Biológicas, desenvolvido na linha de pesquisa Toxicologia sob a orientação do Prof. Fábio Teixeira Kuhn

Aprovado em 12 de Julho de 2022.

BANCA EXAMINADORA:

(assinado eletronicamente)

**Prof. Fábio Teixeira Kuhn Orientador(a)
Orientador(a)**

(assinado eletronicamente)

**Prof.(a) Mariana Magalhães Nóbrega Docente do Departamento
Docente do Departamento**

(assinado eletronicamente)

**Prof. José Renato Chagas Barbosa Avaliador Convidado
Avaliador Convidado**

Documento assinado eletronicamente por:

- **Fabio Teixeira Kuhn, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO**, em 30/08/2022 15:43:48.
- **Mariana Magalhaes Nobrega, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO**, em 12/07/2022 18:40:20.
- **José Renato Chagas Barbosa, José Renato Chagas Barbosa - Docente - Secretaria de Estado da Educação de Goiás (01409705000120)**, em 12/07/2022 18:39:48.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 12/07/2022. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifg.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo: :

Código Verificador: 302878

Código de Autenticação: b7ecf8857d



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Rua 21, Área Especial 4, Jardim Querência, ÁGUAS LINDAS DE GOIÁS / GO,
CEP 72910-733 (61) 3618-9854 (ramal: 9854)

Elementos geradores e consequências da automedicação durante a pandemia: uma revisão integrativa

Nathalia Gonzaga de Souza Cipriano

nathaliagonzaga.souza@gmail.com

Orientador: Fabio Teixeira Kuhn

fabio.kuhn@ifg.edu.br

RESUMO

No ano de 2019 teve início a pandemia da doença causada pela Covid-19, tendo um impacto enorme sobre o cenário mundial, agravando as taxas de morbidade e mortalidade. Tal infecção é causada pelo vírus da Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS-CoV-2), o qual se dissemina principalmente por gotículas, secreções respiratórias, dentre outros, podendo também permanecer viável e infeccioso em aerossóis. Tem como sintomas, além dos semelhantes aos da gripe, aqueles que podem desencadear até uma pneumonia grave, com isso foi necessário criar medidas de segurança como isolamento social para diminuir o contágio pelo vírus. Durante a pandemia, a internet se tornou a principal fonte de informação, infelizmente, muitas sendo falsas, gerando muitos casos de automedicação, método utilizado por pessoas para tratar doenças ou sintomas auto diagnosticados, descobertas ou pressupostas de forma não científica sendo não orientada e sem prescrição de profissionais habilitados. Esse método ocorreu por muitos acreditarem que estariam mais seguros contra o vírus, porém não houve a comprovação científica da eficácia de fármacos que atuassem como tratamento profilático, e mesmo assim, as farmácias se tornaram as principais fontes para a prática da automedicação por serem de fácil acesso para a população. O presente trabalho está baseado em pesquisas bibliográficas, selecionadas de artigos científicos e teses que tratam sobre os fatores geradores da automedicação durante a pandemia de Covid-19 e suas consequências, tendo como objetivo compreender as causas, expondo e analisando dados de acesso aos

medicamentos utilizados como prevenção e tratamento, bem como seus efeitos indesejáveis e fatores que levaram à divulgação de tratamentos sem eficácia. Os principais fármacos utilizados para o tratamento da Covid-19 foram vitamina C, cloroquina, hidroxicloroquina, azitromicina e ivermectina, todos podendo ter efeitos adversos e danosos, como alteração da atividade cardíaca através do prolongamento do intervalo QT no caso da hidroxicloroquina e hipotensão como no caso da ivermectina, dentre outros. Com isso, pode ter ocorrido um grande aumento nos casos de intoxicação e altos índices de mortes devido a prática da automedicação. Medicamentos sem eficácia comprovada foram divulgados como combate ao coronavírus, muitos incentivados até mesmo por agentes políticos, confirmando assim a importância de haver um estudo dos fatores que levaram a essa situação, bem como a divulgação desses dados.

Palavras-chave: automedicação, efeitos adversos, Covid-19.

ABSTRACT

In the year 2019 the disease pandemic caused by the new coronavirus 2019, Covid-19, began, having a huge impact on the world scenario, worsening morbidity and mortality rates. The clinical picture caused by the virus leads to the development of Severe Acute Respiratory Syndrome (SARS-CoV-2) which is an acute respiratory infection that is spread mainly by droplets, respiratory secretions, among others, and may also remain viable and infectious in aerosols. Its symptoms, besides those similar to the flu, are those that can even trigger severe pneumonia, so it was necessary to create safety measures such as social isolation to reduce the spread of the virus. During the pandemic, the Internet became the main source of information, unfortunately, many being false, generating many cases of self-medication, a method used by people to treat diseases or self-diagnosed symptoms, discovered or assumed in a non-scientific way, not being guided and without the prescription of qualified professionals. This method occurred because many believed they would be safer against the virus, but there was no scientific proof of the effectiveness of drugs that acted as prophylactic treatment, and even so, pharmacies have become the main sources for the practice of self-medication because they are easily accessible to the population. The present work is based on bibliographic research, selected from scientific articles and theses that deal with the factors that generated self-medication during the Covid-19 pandemic and its consequences, aiming to

understand the causes, exposing and analyzing data on access to drugs used as prevention and treatment, as well as their undesirable effects and factors that led to the disclosure of ineffective treatments. The main drugs used for the treatment of Covid-19 were vitamin C, chloroquine, hydroxychloroquine, azithromycin, and ivermectin, all of which can have adverse and harmful effects, such as altered cardiac activity through prolongation of the QT interval in the case of hydroxychloroquine, hypotension, and coma in the case of ivermectin, among others. With this, there may have been a large increase in cases of poisoning and high rates of deaths due to the practice of self-medication. Drugs without proven efficacy have been disseminated as a way to combat the coronavirus, many encouraged even by political agents, thus confirming the importance of having a study of the factors that led to this situation, as well as the dissemination of these data.

Keywords: self-medication, adverse effects, Covid-19.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
JUSTIFICATIVA	12
OBJETIVOS	12
Geral	12
Específicos.....	12
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	13
METODOLOGIA.....	16
RESULTADO E DISCUSSÃO.....	17
CONCLUSÃO....	2
REFERÊNCIAS	28

INTRODUÇÃO

A Covid-19 (*Coronavirus Disease 2019* - do inglês), de acordo com Brito et al. (2020):

(...) é uma doença infectocontagiosa causada pelo coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2), do inglês *severe acute respiratory syndrome-associated coronavirus 2*. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), em 31 de dezembro de 2019, em Wuhan, na China, foram descritos os primeiros casos de pneumonia causada por um agente desconhecido e reportados às autoridades de saúde. No dia 7 de janeiro de 2020, Zhu et al. anunciaram o sequenciamento do genoma viral e no dia 12 de janeiro, a China compartilhou a genética com a OMS e outros países através do banco de dados internacional Global Initiative on Sharing All Influenza Data (GISAID), desde então, os casos se propagaram pelo mundo.

Além disso, um estudo realizado por Van Doremalen et al. (2020), mostrou que o SARS-CoV-2 pode permanecer viável e infeccioso em aerossóis por até três horas após ser eliminado no ambiente, mas pode variar dependendo do local, espessura, superfícies da secreção liberada e quantidade da carga viral.

A Covid-19 apresenta sintomas similares aos da gripe, causando cansaço, perda do paladar ou olfato, febre e dificuldade para respirar, podendo evoluir para uma pneumonia grave. Sendo assim, várias medidas de prevenção foram utilizadas com a intenção de diminuir o contágio pelo vírus, dentre elas, isolamento e distanciamento social, uso de máscara e álcool em gel 70%. Com o isolamento social a internet acabou sendo a maior fonte de informações sobre a saúde, pois muitas pessoas optaram por não buscar atendimento presencial por medo de se contaminarem, assim, gerando muitos casos de automedicação, principalmente por informações, em sua maioria falsas, encontradas na internet, principalmente no Whatsapp (SILVA, A. et al, 2021).

“Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), automedicação é a seleção e o uso de medicamentos, incluindo chás e produtos tradicionais, por pessoas para tratar doenças auto diagnosticadas ou sintomas”(MELO, 2021) os quais são descobertos ou pressupostos de forma não científica, sem acompanhamento nem prescrição de profissional habilitado. Durante a pandemia os casos de automedicação teve um aumento exorbitante, os usuários começaram a utilizar os fármacos para alívio de sintomas ou complicações, muitos utilizando os medicamentos com uma dosagem fora dos padrões recomendados, “provocando efeitos indesejáveis e tóxicos, podendo ter como consequências enfermidades iatrogênicas, e

mascamamento de doenças evolutivas, além da ampliação de custos para o paciente e para o sistema de saúde” (MELO, 2021). O uso indiscriminado de medicamentos já era comum na sociedade brasileira antes mesmo da pandemia, e após o surto do novo vírus a situação se agravou, gerando um aumento de casos de hepatite medicamentosa, uma doença causada pelo uso prolongado ou não de alguns tipos de medicamentos que causam danos principalmente hepáticos, pois a metabolização da maioria dos fármacos é realizada no fígado. Além de medicamentos normalmente utilizados para cefaléia, resfriado, relaxantes musculares e outros, houve a procura de medicamentos como hidroxicloroquina, cloroquina, ivermectina e azitromicina.

A hidroxicloroquina e a cloroquina tem indicação terapêutica na farmacologia como antimaláricos, tratamento para doenças reumáticas e para o lúpus, mas durante a pandemia começaram a ser utilizadas em associação com a azitromicina para tratar e prevenir a Covid-19. Já a ivermectina é um antiparasitário utilizado em animais e humanos, mas também começou a ser utilizada como forma de tratamento e de profilaxia contra a Covid-19. Isso ocorreu pela publicação e divulgação de resultados de alguns estudos que demonstravam que determinados fármacos tinham ação de conter a capacidade infecciosa do vírus, porém essas pesquisas apresentaram erros, como por exemplo, a falta de randomização, imprecisão e evidências apenas indiretas foram questionadas por muitos especialistas, além de algumas terem sido feitas apenas *in vitro*, sem estudos clínicos, com resultados controversos e insuficientes (GUIMARÃES, CARVALHO, 2020).

Com a grande facilidade em adquirir alguns medicamentos sem a necessidade de receituário médico, muitas pessoas se automedicaram e fizeram indicações para familiares e amigos, e isso foi agravado pela divulgação de notícias falsas, (popularizado como *fake news* - do inglês) e conteúdos de mídia digital que muitas vezes são inverídicos, além do aproveitamento de muitas empresas e laboratórios de medicamentos, os quais estavam induzindo, através de marketing, a população a comprar vitaminas e suplementos minerais que diziam ajudar no combate ao vírus (MALIK et al., 2020).

O padrão de consumo de medicamentos no Brasil chamou muito atenção, pois estava no centro dessa questão o denominado “tratamento precoce” ou “kit-covid”: uma combinação de medicamentos sem evidências científicas conclusivas para o uso com essa finalidade, que inclui a hidroxicloroquina e cloroquina, associada à azitromicina, à ivermectina e à nitazoxanida, além dos suplementos de zinco e das vitaminas C e D. A prescrição e o uso desses medicamentos *off-label*, ou seja, uso não aprovado, que não consta na bula, para tratar ou prevenir a Covid-19 recebeu grande credibilidade, quando o “tratamento precoce” e o “kit-covid” foram divulgados e o seu uso incentivado amplamente nas mídias sociais (WhatsApp®, Facebook® e Instagram®) por profissionais médicos,

autoridades públicas e nas páginas oficiais de internet de secretarias de saúde, Ministério da Saúde e Governo Federal do Brasil (MELO et al., 2021).

JUSTIFICATIVA

O cenário da pandemia de Covid-19, trouxe uma preocupação constante com a saúde, e junto vieram várias notícias falsas com indicações de tratamentos medicamentosos, que foram principalmente disponibilizadas na internet, veiculadas em redes sociais, e até incentivadas por importantes agentes políticos. Medicamentos que não possuem eficácia comprovada contra o vírus, foram amplamente divulgados como opções para prevenção e combate ao SARS-CoV-2. Sabemos que a automedicação pode levar ao agravamento de doenças e até a desfechos fatais, pois os fármacos desencadeiam determinadas ações no organismo, e necessitam ser utilizados nas condições e situações indicadas pela farmacologia. Nessa perspectiva, torna-se de fundamental importância o estudo dos fatores que levaram a essa situação e também as consequências dessas ações, bem como a divulgação desses dados.

OBJETIVOS

Objetivo geral

Compreender quais foram/são as causas da automedicação durante a pandemia de Covid-19, apresentando os dados sobre a utilização de medicação *off-label* e suas consequências por meio de revisão da literatura.

Objetivos específicos

- Analisar e expor os dados sobre a automedicação e o acesso a esses medicamentos.
- Definir quais são os medicamentos que estão sendo mais utilizados como prevenção e tratamento da Covid-19.
- Exibir os efeitos indesejáveis e tóxicos desses medicamentos.

- Promover a divulgação com motivos de conscientizar sobre a automedicação através da publicação desses dados em revista científica.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

De acordo com Oliveira et al. (2021):

A Covid-19 é uma doença que se manifesta após a infecção causada pelo vírus SARS-CoV-2, caracterizado como uma síndrome respiratória de espectro viral na qual teve sua primeira evidência em dezembro de 2019 em Wuhan, na China. Rapidamente espalhou-se pelo mundo, sendo declarado em março de 2020 o cenário de pandemia pela Organização Mundial da Saúde.

Essa doença, de alta transmissibilidade e letalidade, afeta o sistema respiratório, havendo como principais sintomas febre, cansaço e a tosse seca, podendo apresentar também dores, congestão nasal, dor de cabeça, conjuntivite, dor de garganta, diarreia, perda de paladar ou olfato, erupções cutâneas e/ou descoloração dos dedos das mãos ou dos pés (ZHU et al., 2020)

“A existência de um vírus pouco conhecido associado ao grande número de internações acometidas e mortes, despertou na população a sensação de medo e angústia, sendo levados a encontrar uma solução rápida e fácil para a doença, bem como a se embasar em ideologias que apoiam a prática do uso da automedicação” (OLIVEIRA et al., 2021). Durante o isolamento social, a internet acabou sendo a maior fonte de informações sobre a saúde e também de notícias falsas, principalmente em relação ao uso de medicamentos para alívio de sintomas ou complicações da Covid-19.

“A automedicação é o ato de utilizar um medicamento para o tratamento de distúrbios ou sintomas auto diagnosticados, ou também usá-lo de forma contínua quando prescrito por um médico para sintomas crônicos ou recorrentes, sem o acompanhamento ou prescrição do profissional habilitado” (NOVAIS et al., 2021). Devido à falta de fármacos que atuem como profiláticos, ou que auxiliem de maneira direta no tratamento da Covid-19, foi observado uma intensificação comportamental da população em se automedicar, acreditando que assim estariam mais seguras. Houve uma grande procura e uso de suplementos alimentares, como

vitaminas e minerais, com o objetivo de fortalecer a imunidade e prevenir a infecção pelo vírus, assim como, fármacos com propriedade anti-parasitária ou antibiótica.

“Devido à falta de acessibilidade aos serviços médicos, as farmácias comerciais se destacaram como o principal meio para a prática da automedicação entre a população, facilitando o acesso rápido ao medicamento” (OLIVEIRA et al., 2021). Um estudo realizado no Brasil mostrou que mesmo existindo normas para combater a compra sem receita, ainda, grande parte dos usuários sabem sobre a ilegalidade da compra de certos medicamentos sem prescrição médica. O consumo de medicamentos sem a prescrição médica, o aconselhamento e o acompanhamento de um profissional de saúde prescritor, se configura como automedicação (SANTOS, M., et al., 2020).

Em relação aos medicamentos em destaque e que foram utilizados como profilático ou para o tratamento da Covid-19, Sadio et al. (2021), afirma que os fármacos mais usados foram: Vitamina C (27,6%), Cloroquina/Hidroxicloroquina que foi utilizada por 2,0% da amostra, e a Azitromicina foi utilizada por 1,2%. A hidroxicloroquina e a cloroquina são utilizadas como antimaláricos, antiamebianos, antirreumáticos e para o lúpus eritematoso sistêmico (LES - doença autoimune). Supostamente teriam atividade antiviral contra o vírus Sars-CoV-2, pois um estudo publicado em março de 2020 concluiu que a hidroxicloroquina era eficaz para a redução da carga viral no uso em casos graves da doença. “No entanto, houve muitos avisos sobre o uso inadequado de Cloroquina/Hidroxicloroquina fora das configurações hospitalares ou clínicas para Covid-19” (BAKER, 2020; MÉGARBANE, 2020; KAPOOR, et al., 2020). Seu uso pode gerar efeitos indesejáveis como alterações cardíacas através do prolongamento do intervalo QT, prurido, e erupções cutâneas, aumento das transaminases e hepatotoxicidade. Já a ivermectina é um antiparasitário, que começou a ser utilizada como forma de tratamento e de profilaxia contra a Covid-19, podendo desencadear diversos efeitos indesejáveis como surgimento de helmintos resistentes, sintomas gastrointestinais, fraqueza muscular, ataxia, rabdomiólise, taquicardia, hipotensão e coma. A azitromicina é um antimicrobiano da classe dos macrolídeos que estava sendo utilizado em associação com a hidroxicloroquina e cloroquina, porém, assim como os outros, pode haver efeitos indesejáveis nessa combinação como resistência bacteriana, prolongamento do intervalo QT, irritação e aumento da motilidade gástrica, icterícia colestática, ototoxicidade e aumento das transaminases (NOVAIS et al., 2021). “Pesquisas voltadas para a automedicação apresentam, além de um problema de saúde generalizado, os riscos causados por essa prática,

que elevaram expressivamente os casos de intoxicação desde o início da pandemia de Covid-19” (GOMES et al., 2020).

“A necessidade iminente de resultados, com relação aos estudos, a respeito da eficácia dos fármacos no tratamento ou prevenção do coronavírus pode ter levado a precipitada implementação de recomendações com baixo nível de evidência científica” (RIBEIRO, et al., 2020). “Além disso, o medo por não haver conhecimentos sobre os aspectos da doença, influenciado pelas mídias sociais, gerou um grande impacto no aumento dos casos de automedicação” (GOMES, et al., 2020).

Por mais que alguns desses fármacos possam apresentar respostas promissoras, o uso sem comprovação científica se caracteriza como um grande risco, em razão dos efeitos adversos que podem provocar. O uso descontrolado pela automedicação ocasionou, em 21 de março, uma morte nos Estados Unidos por uso indiscriminado da hidroxicloroquina (MENEZES et al., 2020).

O consumo desordenado de fármacos de forma inapropriada pela população teve um grande aumento. “O uso irracional de medicamentos tomou frente, por conta dos supostos tratamentos para a Covid-19. Vale ressaltar que, até o momento, não há nenhuma evidência científica conclusiva que possa corroborar com o uso de determinados medicamentos para o tratamento ou profilaxia contra o coronavírus” (OLIVEIRA et al., 2021). Os altos índices de mortes foram uma das principais causas (e talvez consequências) da automedicação. A insegurança e o medo levaram as pessoas às tentativas de “prevenir” a doença. Dessa forma, ressalta-se a notoriedade e importância da equipe multidisciplinar de saúde, além da importância dos docentes da área de ciências biológicas e da saúde no essencial papel de orientação no uso racional de medicamentos. Para isso, recomenda-se que os profissionais mantenham-se sempre atualizados em relação ao vírus, que realizem uma triagem das informações antes de repassar aos indivíduos, e que a população sempre busque informações atualizadas e de fontes confiáveis. “Por fim, sugere-se que o uso das mídias sociais seja para que haja a disseminação de informações fundamentadas com embasamento científico, de forma clara à população, alertando sempre os riscos que podem estar sujeitos ao praticarem a automedicação” (GOMES et al., 2020).

METODOLOGIA

- Trata-se de um estudo descritivo com análise qualitativa através de uma revisão da literatura;
- Foram selecionados artigos científicos e teses que tratam da importância do conhecimento acerca da automedicação, dados estatísticos sobre o consumo, e os efeitos que podem acarretar no organismo dos indivíduos que ingerem fármacos de modo *off-label* e/ou sem a indicação terapêutica determinada para a Covid-19.
- O levantamento das bases de dados foi realizado através de artigos originais e revisões de literatura que abordassem o tema da pesquisa, com publicações entre os anos de 2019 a 2022
- Utilizados somente artigos em português, por meio de acervos de dados digitais como:
 - Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS);
 - Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde (BIREME);
 - *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO);
 - Biblioteca Virtual em Saúde (BVS);
 - Revistas científicas da área de saúde.
- Palavras-chaves para busca e escolha dos artigos: automedicação, efeitos adversos, e transtornos relacionados ao uso de medicamentos durante a pandemia de Covid-19.
- Critério de inclusão: artigos originais, em que abordassem o assunto de interesse, disponibilizados no Brasil.
- Critério de exclusão: artigos cujo tema não abordassem o assunto relevante para a pesquisa e artigos internacionais.
- Pergunta norteadora: O que ocasionou a automedicação durante a pandemia de Covid-19 e quais as suas consequências?

Foram avaliados alguns critérios para a verificação de compatibilidade com o tema, tais como: estudos recentes, publicados entre os anos de 2019 a 2022; pesquisas que tratem de temas como uso de fármacos sem prescrição médica ou sem a indicação terapêutica para a Covid-19, durante o período da pandemia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tabela 1. Relação de dados sobre os estudos e respectivos resultados sobre a automedicação durante a pandemia de Covid-19

Periódico	Título	Autor/ Ano	Tipo de estudo	Objetivo(s)	Resultado(s)
Research, Society and Development	Ocorrência de Automedicação na população brasileira como estratégia preventiva ao SARS-CoV-2	Souza, M., et al. 2021	Descritivo e analítico, de natureza quantitativa	Identificar a existência da automedicação por populares com a finalidade de prevenção ao SARS-CoV-2 e analisar os potenciais agravamentos deste uso ao organismo humano. Trata-se de uma pesquisa descritiva e analítica, de natureza quantitativa, onde a coleta de dados foi realizada através de um formulário semiestruturado, disponibilizado de forma eletrônica, utilizando a ferramenta Google Forms.	Em relação a prática da automedicação no intuito de prevenir ou tratar a infecção pelo SARS-CoV-2: maioria dos participantes, 69,2% não se automedicou. Dos que realizaram automedicação, o fármaco de maior uso foi ivermectina (52,8%), seguido por azitromicina (14,2%).
Revista Ciência Plural	Acesso da população a medicamentos durante a pandemia do novo coronavírus	Lacerda et al. 2022	Descritivo exploratório de abordagem quantitativa, não probabilístico e por conveniência	Avaliar o acesso da população a medicamentos na pandemia e o uso das “promessas terapêuticas”: Cloroquina, Hidroxicloroquina e Ivermectina para prevenção e tratamento da Covid-19	Dos 1.748 respondentes, 200 (11,4%) pertenciam ao grupo que “teve COVID-19”, 1.041 (59,6%) ao grupo que não teve a doença, e 507 (29%) responderam não saber se foram infectados. Acesso a medicamentos na pandemia: 55,2% do total da amostra

					relatou não ter sido afetado; 29% tiveram o acesso afetado de alguma forma. Uso das “promessas terapêuticas”: 61% não fez uso com finalidade de prevenção e sim para tratamento; 52,6% não fez uso algum; 46,2% fez uso de medicamentos mencionados para tratar a Covid-19.
Archives of Health	Automedicação como forma de tratamento da Covid-19 e suas consequências	Novais et al. 2021	Revisão Bibliográfica	Analisar criticamente as consequências e os riscos de toxicidade e efeitos indesejáveis devido ao aumento e persistência dos casos de automedicação e/ou medicação indevida, mediante a pandemia pelo novo coronavírus	Medicamentos mais utilizados para automedicação durante a pandemia de Covid-19: azitromicina, cloroquina, hidroxicloroquina, ivermectina, vitaminas e outros
Brazilian Journal of Health and Pharmacy,	Uso irracional de medicamentos e plantas medicinais contra a Covid-19 (SARS-CoV-2): Um problema emergente	Lima et al. 2020	Revisão narrativa	Abordar as questões críticas relacionadas ao uso irracional de medicamentos e plantas medicinais contra a infecção causada pelo novo Coronavírus.	Aumento percentual na venda de medicamentos no Brasil entre Janeiro e Março de 2020, comparado ao mesmo período de 2019. Fármacos sem comprovada eficácia utilizados: ivermectina (1,22%), vitamina C (180,01%), hidroxicloroquina (67,93%) e vitamina D (35,56%). *Observação: Os dados da ivermectina são referentes apenas às vendas no mês de Junho de 2020

					comparadas a Junho de 2019
Revista Científica Multidisciplinar	Automedicação, Covid-19 e pandemias históricas	Santos, E., et al. 2022	Revisão da literatura	Analisar a ocorrência desse fator nas diferentes vertentes da população, seus efeitos no organismo e sua relação com a Covid-19, além da relação da atual pandemia com outras pandemias históricas	Foi possível observar que muitos apresentavam as manifestações clínicas causadas pelo SARS-CoV 2, a baixa efetividade e a baixa segurança de alguns medicamentos para o tratamento da doença, os riscos e as consequências da automedicação e os impactos biopsicossociais causados pelo isolamento social
Brazilian Journal of Health Review	Os riscos da automedicação por hidroxicloroquina frente à Pandemia de Covid-19	Santos, J., et al. 2021	Revisão bibliográfica	Descrever as reações e interações medicamentosas da hidroxicloroquina, descrevendo os riscos inerentes a automedicação durante a pandemia, bem como discorrer sobre a atuação da mídia e das autoridades governamentais	Mostraram que a hidroxicloroquina apresenta reações adversas graves podendo inclusive levar a óbito, além de não apresentar até este momento eficácia comprovada na cura da Covid-19
Research, Society and Development	A automedicação no período de pandemia de Covid-19: Revisão integrativa	Oliveira et al. 2021	Revisão integrativa da literatura	Descrever os fatores que corroboram para a prática da automedicação em período de pandemia de Covid-19	Os artigos evidenciaram que a automedicação foi impulsionada no período de pandemia, sendo utilizadas tanto para prevenção como tratamento da Covid-19. O uso irracional de medicamentos tomou

					frente, por conta dos supostos tratamentos relacionados com a Covid-19
Research, Society and Development	Ocorrência de automedicação na pandemia da Covid-19: uma revisão integrativa da literatura	Gomes et al. 2021	Revisão integrativa de literatura	Verificar a prevalência, riscos e fatores que levam a realização da automedicação	Os artigos evidenciaram que a população buscou a automedicação como um meio de solução rápida e fácil para a doença. Outra justificativa para a utilização da automedicação era a finalidade preventiva, de forma equivocada, dada a falta de comprovação científica sobre tratamento e/ou prevenção da Covid-19
RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR	Riscos da automedicação durante a pandemia Covid-19	Silva, C., et al. 2021	Revisão de literatura	Apresentar uma revisão de literatura sobre a automedicação durante o período da pandemia Covid-19 buscando entender a ocorrência e as possíveis causas nocivas de tais ações	Os estudos evidenciaram que a prática da automedicação cresceu entre a população durante a pandemia como forma de prevenir o contágio do vírus ou curar a patologia
Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação - REASE	Automedicação na pandemia do novo coronavírus	Silva, A., et al. 2021	Revisão bibliográfica	Expor sobre a utilização inadequada de medicamentos prescritos e isentos devido ao seu fácil acesso durante o isolamento social, retratar a possibilidade de efeitos indesejáveis relacionados aos medicamentos,	Cloroquina/hidroxiquina, vitamina C, ivermectina, azitromicina, ibuprofeno e lopinavir-ritonavir são os medicamentos mais citados nos artigos científicos

				consequente da automedicação, e destacar a ausência da prática clínica e de assistência nos fornecimentos farmacêuticos ao paciente	
Revista Científica UNILAGO	Riscos da automedicação durante a covid-19	Prudêncio et al. 2021	Revisão bibliográfica	Expor os riscos da automedicação, seus efeitos adversos em meio a pandemia e a importância do profissional farmacêutico na promoção de saúde durante esse período	Crescimento significativo na quantidade de buscas realizadas no mundo todo desde que a pandemia da Covid-19 de 2019 foi declarada, isso mostra que houve uma dilatação de interesse na quantidade de pessoas que anseiam por informações relacionadas à automedicação de diversas afecções ao longo da pandemia
Revista Artigos. Com	Automedicação e a importância da orientação farmacêutica durante a pandemia de Covid-19	Silva, J. et al. 2021	Revisão integrativa	Realizar levantamento bibliográfico sobre a importância da orientação farmacêutica na automedicação durante a pandemia de Covid-19	Pesquisas sobre medicamentos que podem ser usados para tratar a Covid-19, relatam que nenhuma recomendação de dados está disponível com tratamentos totalmente eficazes para erradicar a doença. Algumas das terapias medicamentosas usadas para tratar a infecção incluem glicocorticóides e antimicrobianos, sendo que o uso destes sem devidas orientações podem resultar em efeitos adversos, resistência bacteriana

					e outros
Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação- REASE	Análise da automedicação durante a pandemia do novo coronavírus: um olhar sobre a azitromicina	Leal et al. 2021	Revisão da literatura	Realizar um estudo de revisão sobre a resistência à azitromicina promovida pela utilização indiscriminada durante a pandemia do Covid-19	Um estudo apresentou características da automedicação em fase anterior e posterior da Covid-19, mostrando um aumento nesta prática, apresentando comorbidades frequentes dentro de uma população que se automedica, destacando a hipertensão (24,8%), sobrepeso / obesidade (6,5%), diabetes (3,6%) e câncer (2,4%), e as demais relataram não ter comorbidades (32,5%), estas se automedicaram por sinais ou sintomas de gripe e dores de cabeça

Através da análise realizada no presente estudo, verificou-se que todos os 13 artigos selecionados e citados na **Tabela 1**, demonstraram que os medicamentos mais utilizados por automedicação no período da pandemia de Covid-19 foram hidroxicloroquina, cloroquina, ivermectina, azitromicina e vitaminas. “Devido à falta de acessibilidade aos serviços médicos, as farmácias comerciais, se tornaram o principal meio para a prática da automedicação entre a população, ocasionado por conta do acesso rápido aos medicamentos nesses estabelecimentos” (OLIVEIRA, et al., 2021).

Nos estudos de Souza, M., et al. 2021 e de Lacerda et al. 2022, em torno de 40% das pessoas entrevistadas fizeram o uso de fármacos por automedicação durante a pandemia de Covid-19, o que demonstra uma alta taxa de obtenção de medicamentos sem prescrição e sem orientação de um profissional da saúde. “A automedicação durante a pandemia de Covid-19 foi apontada por alguns estudos como consequência da desinformação associada ao fácil acesso em adquirir tais medicamentos, indicando que mesmo não apresentando nenhum sintoma, as pessoas criavam condições para se automedicar” (SILVA, C., et al., 2021). Um

dos principais motivos que levaram a população a praticar a automedicação foi acreditar na possibilidade de prevenção e na melhoria dos sintomas, independentemente de serem positivos ou negativos para a Covid-19 (SILVA, A., et al., 2021). “Em razão disso, pesquisas voltadas para a automedicação apresentaram, além de um problema de saúde generalizado, a elevação dos riscos causados por essa prática, levando ao aumento expressivo de casos de intoxicação desde o início da pandemia de Covid-19” (GOMES, et al., 2021).

Isolamento e distanciamento social, são fatores que estão relacionados à elevação na prática da automedicação, durante a pandemia foram adotados como medidas preventivas à propagação do vírus, com isso houve um grande aumento na comunicação *on-line*, tendo as mídias sociais como importante via de comunicação para o repasse das informações, o que trouxe diversos impactos tanto positivos quanto negativos. Como impactos positivos: divulgação de medidas de higiene sanitária (lavagens das mãos, higienização de superfícies); segurança (“fique em casa”); medidas de isolamento e distanciamento social. Como impactos negativos: divulgação sobre medicamentos ainda em estudo, porém sem a eficácia comprovada, para combate ao novo coronavírus. Os exemplos claros são os medicamentos: cloroquina, hidroxicloroquina e ivermectina. Neste cenário, a população gerou uma demanda alta nas farmácias para a obtenção dos medicamentos, causando assim uma grande carência das medicações para pessoas que já faziam uso para outras patologias para a qual realmente possuem a indicação terapêutica, como no caso da cloroquina utilizada para o Lúpus (GODFREY, 2020).

A internet foi uma importante via de acesso às notícias durante a pandemia, porém, tornou-se uma grande contribuidora para o compartilhamento de *Fake News*, podendo causar grandes problemas à população, principalmente aqueles que detêm de pouco acesso a conhecimentos científicos (GUIMARÃES, CARVALHO, 2020). As divulgações ocorridas por meio das mídias sociais acabaram tendo grande poder de influência sobre as pessoas em relação a automedicação, principalmente quando se fala de medicamentos isentos da prescrição de um profissional habilitado, como um médico ou um farmacêutico. Além disso, a indústria farmacêutica acabou sendo uma propulsora das propagandas e do marketing sobre medicamentos, visto que este setor acabou sendo um dos mais rentáveis do mundo em relação a lucros. Por outro lado, ocorreu certa negligência no que tange às informações adequadas que chegavam à sociedade e ao consumidor (RUIZ et al., 2021). “O advento dos meios midiáticos, principalmente através das mídias sociais com sua rapidez de disseminação da informação, acabou por ser um dos grandes fomentadores para o alto consumo de medicamentos” (GOMES et al., 2020).

A OMS (2020) relatou que outro fator que influenciou essa prática durante o período de pandemia foi a ausência de medicamentos que atuassem na atenuação, ou que poderiam ajudar diretamente no tratamento da Covid-19, o que consequentemente levou a elevados números de transtornos psicológicos, como por exemplo, estresse, distúrbios da ansiedade e depressão, despertados a partir das notícias e do alto índice de óbitos ocasionados em todo o mundo. Um dos motivos que também levou a prática da automedicação durante a pandemia foi o descrédito depositado na ciência, fazendo com o que a população se submetesse a perigos com a própria saúde, já que o consumo de medicamentos fez com que as pessoas sentissem uma espécie de falsa sensação de proteção contra a Covid-19. Este comportamento, associado à descrença científica, pode culminar no desrespeito ao isolamento social, às regras de distanciamento, protocolos de biossegurança e, consequentemente, no crescimento da curva de infectados e hospitalizados (GUIMARÃES, CARVALHO, 2020).

“O uso indevido de medicação, sem a prescrição de profissionais habilitados, pode causar agravamento de doenças, intoxicação, surgimento de reações adversas e resistência a medicamentos, desestabilizando o pleno funcionamento do organismo” (OLIVEIRA, et al., 2021).

A hidroxicloroquina é indicada na profilaxia ou tratamento da malária, e também nas doenças autoimunes como: lúpus eritematoso discóide crônico, lúpus eritematoso sistêmico em adultos e artrite reumatoide, sendo comprovadamente seguro como tratamento para estas doenças (SANTOS, J., et al., 2021).

Têm como reações comuns ao seu uso excessivo: diarreias, cefaléia, insônia, fadiga, miopatia, prurido, problemas na visão, convulsões, vômitos, alergias graves, arritmias e até parada cardíaca. “As reações adversas cardíacas podem ser observadas em estudos, e pareceu haver maior suscetibilidade de pacientes com infecção por SARS-CoV-2 apresentarem prolongamento nas ondas QTc 1” (STEVERTON et al., 2020). “Há também as reações adversas oculares, que necessitam maior atenção, pois o tratamento prolongado com hidroxicloroquina pode causar a retinopatia, sendo de suma importância a sua detecção precoce, pois pode ocasionar a perda visual irreversível” (COSTA, 2013; NUNES, 2018). Além disso, podem ocorrer eventos hematológicos como a agranulocitose, anemia aplástica e leucopenia, porém com menor prevalência (KRAMER et al., 2020). A cloroquina é indicada para profilaxia e tratamento de ataque agudo causado pela malária. Também está indicada no

tratamento de amebíase hepática e, em conjunto com outros fármacos, têm eficácia clínica na artrite reumatoide, no lúpus eritematoso sistêmico e lúpus discóide, na sarcoidose e nas doenças de fotossensibilidade como a porfíria cutânea tardia e as erupções polimórficas graves desencadeadas pela luz solar.

Tem como efeito adverso em dosagem excessiva, desencadear hipotensão, hipocalemia, prolongamento de QRS e QT (duração do potencial de ação ou da atividade elétrica ventricular, verificada em eletrocardiogramas), bloqueio atrioventricular e arritmias. Por possuírem concentrações terapêuticas próximas das tóxicas, podem ocasionar toxicidade grave em crianças que ingerem doses definidas para adultos (SMIT, et al., 2020).

A ivermectina é um antiparasitário utilizado para combater verminoses e ectoparasitas, como piolhos, pulgas e carrapatos, em animais e seres humanos. Atuam no sistema nervoso central dos vermes e parasitas, provocando paralisia nos parasitos, em seres humanos, se utilizada de forma exagerada, “pode ocasionar transtornos gastrointestinais, excesso de salivação, sonolência, confusão mental, erupções cutâneas, alterações visuais, miastenia, taquicardia, hipotensão, ataxia, agitação e degradação de tecido muscular liberando conteúdos intracelulares no sangue ou rabdomiólise” (CALY, et al., 2020).

“A Azitromicina é um antibiótico da classe dos macrolídeos usado no tratamento de bronquite, pneumonia, infecções sexualmente transmissíveis, cutâneas e infecção por *Mycobacterium avium*” (CHOUDHARY, SHARMA, 2020).

Pode desencadear muitos efeitos adversos, sobretudo no trato gastrointestinal, como diarreia, interação medicamentosa com outros antibióticos e diversos medicamentos, como por exemplo, na polifarmácia, com destaque para as consequências relacionadas ao uso indiscriminado de antibióticos, que podem resultar em resistência bacteriana. Além da resistência bacteriana, pode haver o risco de intoxicação que constitui uma variedade de sintomas causados pela forma de administração, podendo ser classificadas em agudas ou crônicas, e cada fármaco irá apresentar um quadro de sinais e sintomas diferentes (LEAL, et al., 2021).

“A ivermectina, juntamente com a cloroquina, hidroxicloroquina e azitromicina tem um efeito neurotóxico, hepatotóxico e segundo o NIH (*National Institutes of Health* - Agência regulatória de vigilância em saúde dos Estados Unidos), houve relatos de emergências pelo

uso desses medicamentos em associação, como: hipoglicemia, miopatias, rabdomiólise, mioglobínúria e bloqueio cardíaco ou atraso no intervalo QT” (SILVA, C., 2021). Já o uso indiscriminado de vitaminas podem causar hipervitaminose.

A vitamina C constitui um nutriente essencial com papéis significativos no corpo humano, como a neutralização dos radicais livres, ajuda a prevenir ou reverter os danos celulares como um potente agente antioxidante e está relacionada em alguns processos biológicos, muitos dos quais estão associados à saúde imunológica (CARR, MAGGINI, 2017).

Mas quando utilizada em excesso, poderá haver efeitos adversos, como: náusea, vômito, dores de estômago, diarreias, cólicas e dor abdominal. “A vitamina D é encontrada em alimentos como laticínios, cereais e peixes oleosos”, mas com a ingestão excessiva através de suplementação, o cálcio pode depositar-se nos rins e até causar lesões permanentes, com perda da função renal (SOUZA, M., et al., 2021).

Silva, A., et al (2021), em sua revisão de literatura, listou os medicamentos mais citados em artigos científicos no período de julho de 2020 a fevereiro de 2021, mostrando os principais medicamentos citados em artigos científicos que se encaixavam nos critérios de inclusão, salientando os medicamentos mais utilizados na pandemia, o VQ (volume quote) é relacionado ao volume de citação do medicamento em artigos científicos e o MQ (medician quote) indica quais medicamentos foram citados, contagem realizada pelos artigos selecionados. “A hidroxicloroquina e a cloroquina foram as mais citadas nos artigos selecionados sobre a automedicação e os anti-retrovirais sendo relatados geralmente em sinergia com cloroquina/hidroxicloroquina em alguns artigos científicos” (GOUDARZI et al., 2020).

Embora haja uma crença de que a automedicação adequada possua seus benefícios e vantagens no contexto do autocuidado, sua incidência na população tem sido cada vez maior e mais frequente, sendo que, na maioria das vezes esses indivíduos e até mesmo comunidades inteiras não possuem orientações adequadas sobre essa prática o que pode ocasionar maiores gastos com a saúde dos pacientes (PRUDENCIO, MARQUES, 2021).

Esta é uma adversidade global praticada há muitos anos antes da pandemia. No período do isolamento, houve um aumento na utilização da internet pela população para adquirir informações e conhecimentos, mas infelizmente, muita dessas informações foram tendenciosas “para aderir ao autocuidado independente dos conhecimentos em saúde ou auxílio de um profissional capacitado, o que acabou por reduzir a busca por atendimento hospitalar, já que, o fácil acesso aos medicamentos facilita o poder de decidir e realizar a automedicação” (SILVA, A., et al., 2021).

Diante do cenário de pandemia, foram realizados alguns estudos, tendo sido identificado que pessoas com fragilidades no sistema imunológico compunham os grupos de riscos. Nestes, insere-se portadores de DCNT (Doenças Crônicas Não Transmissíveis), como pacientes com diagnóstico de cardiopatias, hipertensão, diabetes, doença pulmonar obstrutiva crônica (DPOC), doenças renais e neurológicas. Tais grupos de risco relacionam-se com índices de agravamento presentes em sua maioria nessa população (ESTRELA, et al., 2020).

Dessa forma, aumentando gravemente os índices de mortes. A insegurança e o medo levaram as pessoas às tentativas de “prevenir” a doença causada pela Covid-19 por meio da prática da automedicação. Assim, é recomendável que os profissionais se mantenham sempre atualizados em relação ao vírus, realizando triagem das informações antes de repassar aos indivíduos, e que a população sempre busque informações atualizadas e de fontes confiáveis (GOMES, et al., 2021). É compreensível o temor em relação às consequências do vírus, mas é importante ressaltar que não se deve ingerir fármacos sem prescrição de um especialista, e ainda sem se ter conhecimento sobre os efeitos colaterais que eles podem apresentar, ou então que não sejam indicados terapeuticamente para aquela causa.

Por fim, sugere-se que através de uma análise criteriosa de pesquisadores renomados, em conjunto com comissões avaliadoras de estudos científicos, que os órgãos de saúde devam apropriar-se dos meios de comunicação via internet e das redes sociais, para que haja a disseminação de informações fundamentadas com embasamento científico, de forma clara à população, alertando sempre os riscos que podem estar sujeitos ao praticarem a automedicação, pertinente aos dados apresentados.

CONCLUSÃO

A realização deste estudo trouxe abordagens amplas sobre a automedicação no período da pandemia de Covid-19. Tal situação provocou preocupantes impactos sociais, econômicos e graves consequências para o sistema de saúde global. A automedicação acabou por gerar graves problemas aos serviços de saúde, visto que realizar esse tipo de procedimento por conta própria pode levar a tratamentos ineficazes e nada seguros. Diante do exposto, a prática de automedicação de forma errada pela população aumentou consideravelmente, além do alto número de indicação de medicações sem a destinação terapêutica adequada. Por conta dos supostos tratamentos para a Covid-19, o uso irracional de medicamentos acabou se intensificando. É de suma importância ressaltar que, até o momento, não existe nenhuma evidência científica conclusiva que possa corroborar com o uso dos medicamentos expostos para o tratamento ou profilaxia contra o coronavírus.

Ressalta-se, também, que as mídias sociais foram um dos principais meios para a propagação de informações falsas em relação ao uso de medicamentos para o tratamento da Covid-19, gerando desinformação para a população e à adesão destes a automedicação, como forma de escape e amenização dos medos e das ansiedades gerados pela pandemia. Desta forma, observa-se que esta é uma medida incorreta, visto que muitos pacientes, que aderiram a esta prática apresentaram efeitos colaterais, acarretando prejuízo da saúde e das atividades de vida diárias.

REFERÊNCIAS

ALEX, S. Hydroxychloroquine use in COVID-19: is the risk of cardiovascular toxicity justified? Open Heart, 10 ago. 2020.

ALVES, R. C; CORDEIRO, A; CARNEIRO, V. M. S. Automedicação no período da pandemia Covid-19. Revista Ibero- Americana de Humanidades, Ciências e Educação. São Paulo, v.7, n.10, Jun. 2021.

BACHARIER, L. B. *et al.* Early administration of azithromycin and prevention of severe lower respiratory tract illnesses in preschool children with a history of such illnesses: a randomized clinical trial. *Jama*, 314(19), 2034-44, 2015.

BAKER A. Poderia funcionar como uma cura? Talvez. Um remédio à base de plantas para coronavírus é um sucesso na África, mas especialistas têm suas dúvidas. *Research, Society and Development*, 2020.

BRITO, S. B. P.; BRAGA, I. O; CUNHA, C. C.; PALÁCIO, M. A. V; TAKENAMI, I. Pandemia da Covid-19: o maior desafio do século XXI. *Vigilância Sanitária em Debate*, v. 8, n. 2, p. 54-63, 2020.

CALY, L. *et al.* The FDA-approved drug ivermectin inhibits the replication of SARS-CoV-2 in vitro. *Elsevier*, v. 178, 2020.

CARR, A. C; MAGGINI, S. Vitamin C and immune function. *Nutrients*, 9(11), 1211. 2017.

CHOUDHARY, R; SHARMA, A. K. Potential use of hydroxychloroquine, ivermectin and azithromycin drugs in fighting COVID-19: trends, scope and relevance. *Elsevier*, v. 35, 2020.

COSTA, A. F. S. Hidroxicloroquina: uma nova perspectiva no LES. Dissertação artigo de revisão bibliográfica, Instituto de Ciências biomédicas Abel Salazar Universidade do Porto, 26 junho 2013.

DOREMALEN, V. N; BUSHMAKER, T.; MORRIS, DYLAN H. *et al.* Aerosol and Surface Stability of SARS-CoV-2 as Compared with SARS-CoV-1. *New England Journal of Medicine*, v. 382, n. 16, p. 1564–1567, 2020.

ESTRELA, F. M.; CRUZ, M. A. da; GOMES, N. P.; OLIVEIRA, M. A. da S.; SANTOS, R. dos S.; MAGALHÃES, J. R. F.; ALMEIDA, L. C. G. de. COVID-19 e doenças crônicas: impactos e desdobramentos frente à pandemia. *Revista Baiana de Enfermagem*, [S. l.], v. 34, 2020.

GODFREY,. Social Media's Role in the Coronavirus Pandemic. *Business 2 community*, p. 1-1, 31 ago. 2022.

GOMES, J. C; SILVA, J. C. A da; BATALHA, S. S. A. Ocorrência de automedicação na pandemia da COVID-19: uma revisão integrativa da literatura. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 16, 2021.

GOUDARZI, *et al.* Effect of Vitamins and Dietary Supplements on Cardiovascular Health. *Critical pathways in cardiology*, v. 19, n. 3, p. 153-159, 2020.

GRANT, W. B; *et al.* Evidence that vitamin D supplementation could reduce risk of influenza and COVID-19 infections and deaths. *Nutrients*, 12(4), 988, 2020.

GUIMARÃES, A. S; CARVALHO, W, R, G de. Desinformação, Negacionismo e Automedicação: a relação da população com as drogas “milagrosas” em meio à pandemia da COVID-19. *InterAmerican Journal of Medicine and Health*. 3, 2020.

KAPOOR, A. PANDURANGI, U. ARORA, V. GUPTA, A. JASWAL, A. NABAR, A. et al. Riscos cardiovasculares de hidroxicloroquina no tratamento e profilaxia de pacientes COVID-19: Uma declaração científica da Indian Heart Rhythm Society. *Indian Pacing Electrophysiol J.* 2020.

KRAMER, D. G; CAVALCANTI, J. G. B; PEREIRA, N. de S. Hidroxicloroquina: uso potencial em coronavíruses?. *Revista Contexto & Saúde*, [S. l.], v. 20, n. 38, p. 16–21, 2020.

LACERDA, M. G. C da. *et al.* Acesso da população a medicamentos durante a pandemia do novo coronavírus. *Revista Ciência plural*, v. 8, n. 1, 2021.

LEAL, W. S. de. Análise da automedicação durante a pandemia do novo coronavírus: um olhar sobre a azitromicina. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*. São Paulo, v.7, n.8, ago. 2021.

LIMA, W.G; CARDOSO, B. G; SIMIÃO, D.C; AMORIM, J.M; SILVA, C.A; BRITO, J. C. M. Uso irracional de medicamentos e plantas medicinais contra a COvID-19 (sARs-Cov-2): Um problema emergente. *Brazilian Journal of Health and Pharmacy*, v. 2, n. 3, p. 37-53, 2020.

MALIK, M; TAHIR, M. J; JABBAR, R; AHMED, A; HUSSAIN,R. Automedicação durante a pandemia de Covid-19: desafios e oportunidades. *Drugs & Therapy Perspectives*, v. 36, 2020.

MEGARBANE B. Cloroquina e hidroxiclороquina para tratar COVID-19: entre esperança e cautela. *Clin Toxicol (Phila)*, 2020.

MELO, J. R. R.; DUARTE, E. C.; MORAES, M. V de; FLECK, K.; ARRAIS, P. S. D. Automedicação e uso indiscriminado de medicamentos durante a pandemia da COVID-19. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 37, n. 4, 2021.

MENEZES, C. R; SANCHES, C; CHEQUER, F. M. D. Efetividade e toxicidade da cloroquina e da hidroxiclороquina associada (ou não) à azitromicina para tratamento da COVID-19. O que sabemos até o momento? *Journal of Health & Biological Sciences*, 2020.

Ministério da Saúde. Coronavírus (COVID-19). Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br>.

NOVAIS, T. K; GONÇALVES, L. P. R; ASSIS, B. M; PAULA, A. C. C de; FRANCO, D. C. Z. Automedicação como forma de tratamento da Covid-19 e suas consequências. Archives of Health, Curitiba, v. 2, n. 4, 2021.

NUNES, A. F. S. Caracterização estrutural e funcional dos efeitos do tratamento com hidroxicloroquina na retina. (Monografia curso de medicina) – Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2018.

OLIVEIRA, J. V. L. *et al.* A automedicação no período de pandemia de COVID-19: Revisão integrativa. Research, Society and Development, v. 10, n. 3, 2021.

PRUDÊNCIO, J. V. L; MARQUES, J. H. M. de. Riscos da automedicação durante a Covid-19. Revista científica, v.1, n.1. 2021.

RETALLACK, H. *et al.* Zika virus cell tropism in the developing human brain and inhibition by azithromycin. Proceedings of the National Academy of Sciences, 113(50), 14408-14413. 2016.

RIBEIRO, T. B. Avaliação da resposta inicial de desenvolvimento de ensaios clínicos para COVID-19 no Brasil. Revista Brasileira de Epidemiologia, 2020.

RUIZ, J. M. G; SOUZA, E. de; PAIVA, M. J. M. de. A influência midiática para automedicação do novo coronavírus: revisão literária. Research, Society and Development, v. 10, ed. 13, 4 out. 2021.

SADIO, A. J. *et al.* Avaliação das práticas de automedicação no contexto do surto de COVID-19 no Togo. BMC Saúde Pública 21, 2021.

SANTOS, E. C. O. *et al.* Automedicação, Covid-19 e pandemias históricas. RECIMA21 - Ciências Exatas e da Terra, Sociais, da Saúde, Humanas e Engenharia/Tecnologia. v.3, n.1, 2022.

SANTOS, J. E. M dos. *et al.* Os riscos da automedicação por hidroxicloroquina frente a Pandemia de COVID-19. Brazilian Journal of Health Review, Curitiba, v.4, n.3, p. 11185-11204. 2021.

SANTOS, M. F. F dos; PEREIRA, V. C. R; JUNIOR, P. R. G; NETO, M. P. L. Análise do consumo de antimicrobianos em uma farmácia comunitária no ano de 2018. Research, Society and Development, v. 9, n. 7, 2020.

SILVA, A. de F; JESUS, J. S. P. de.; RODRIGUES, J. L. G. Automedicação na pandemia do novo coronavírus. Revista Ibero-americana de Humanidades, Ciências e Educação, v. 7, n. 4, p. 938–943, 2021.

SILVA, C. R. da. *et al.* Riscos da automedicação durante a pandemia Covid-19. RECIMA21 - Ciências Exatas e da Terra, Sociais, da Saúde, Humanas e Engenharia/Tecnologia, v.2, n.11, 2021.

SILVA, J. S. *et al.* Automedicação e a importância da orientação farmacêutica durante a pandemia de Covid-19. Acervo+, v. 32, 2021.

SOUZA, A. F. de. *et al.* COVID-19: Automedicação de indivíduos psicologicamente afetados. Brazilian Journal of Development, 2021.

SOUZA, M. N. C. *et al.* Ocorrência de Automedicação na população Brasileira como estratégia preventiva ao SARS-CoV-2. Research, Society and Development, v. 10, n. 1, 2021.

ZHU, N. *et al.* A Novel Coronavirus from Patients with Pneumonia in China, 2019. N Engl J Med. 2020.